

## Academias Gulbenkian do Conhecimento

O processo de candidatura para a criação de Academias Gulbenkian Conhecimento divide-se em duas fases: num primeiro momento, para além da apresentação da entidade promotora, apenas é pedida uma breve descrição das linhas gerais do projeto. Numa segunda fase, as melhores ideias pré-selecionadas pelo júri poderão ser aprofundadas numa candidatura final.

### Aspetos a considerar na primeira fase de candidatura:

1. Seja realista. Evite projetos excessivamente ambiciosos que pretendam cobrir vários domínios, grupos etários e leques de competências sociais e emocionais alargados;
2. Seja específico. Descreva de forma direta qual a necessidade a que pretende responder (pertinência), como selecionou o seu público-alvo, quais são as competências onde procurará avaliar o impacto da sua intervenção (objetivos específicos), quais os resultados que pretende atingir, como pretende promover as competências nas crianças e jovens (como, onde, quando), quais os parceiros que pretende mobilizar e qual o contributo de cada um deles para a intervenção (coerência interna).
3. Seja criativo. Procure demonstrar de que forma a sua intervenção inova nos processos ou nos resultados a que se propõe chegar (inovação). Evite a mera replicação de experiências anteriores ou o pedido de financiamento de atividades correntes, sem qualquer valor acrescentado.
4. Avalie a sua intervenção. Recorde que um dos objetivos da Fundação Calouste Gulbenkian é a produção de conhecimento sobre estratégias eficazes de promoção de competências sociais e emocionais. Para tal, é necessário que cada um dos projetos a apoiar seja desenhado de forma a permitir uma avaliação rigorosa dos impactos nos indivíduos e nas organizações, recorrendo ao desenho experimental ou quasi-experimental (cf. ponto relativo a monitorização e a avaliação adiante). Caso não detenha o conhecimento necessário para assegurar internamente esta componente, procure integrá-lo no seio da parceria, ou sinalize na candidatura a intenção de o adquirir. O Programa Gulbenkian Conhecimento assegurará formação e consultoria de avaliação a todas as Academias que o venham a solicitar.

### Aspetos a considerar na segunda fase de candidatura (final):

No caso da sua ideia/proposta ser pré-selecionada pelo júri independente, será convidado a apresentar uma versão final da candidatura. Para esse efeito contará com um apoio da equipa de consultoria constituída pelo Programa Gulbenkian Conhecimento.

As fragilidades mais comuns das candidaturas à primeira edição do concurso Academias Gulbenkian Conhecimento, em 2018, prendem-se com: i) falta de clareza na hipótese ou na teoria da mudança; ii) subdimensionamento da amostra/ grupo de beneficiários que condiciona o poder estatístico necessário para o apuramento de impactos; iii) baixa frequência e intensidade no trabalho direto com as crianças e jovens (n.º de horas por semana/ n.º semanas por ano); iv) fragilidades na parceria e v) ausência de estratégia de sustentabilidade da intervenção ou dos seus resultados.

A conceção do projeto deve ter em consideração os objetivos do projeto (se são realistas, exequíveis e pertinentes), os resultados e metas que se propõem a atingir (se são ambiciosos, realistas, mensuráveis e adequados à iniciativa da Fundação), a descrição do funcionamento (se é claro, exequível, e se apresenta a frequência e intensidade adequadas), os parceiros e respetivo contributo (se são diversos, qual o grau de compromisso e pertinência face ao projeto) e a estratégia de sustentabilidade a médio-longo prazo (se é realista, se rentabiliza os recursos próprios, e se tem como objetivo a sua continuidade no futuro).

No caso das metodologias experimentais, além de dever ser clara a mais-valia do novo método, devem também descrever as ações previstas e a sua relação com os objetivos propostos. Deverá também incluir um modelo de monitorização e avaliação dos resultados que permita descrever os processos e apurar de forma rigorosa os impactos da intervenção ao nível dos indivíduos, dos grupos e das organizações

## **Planeamento, monitorização e avaliação de projetos**

### **Conceção da Teoria da Mudança (TdM)**

Deverão associar as atividades que conduzem a objetivos específicos, isto é, apurar que competências em específico pretendem impactar e como as operacionalizar/medir.

Em termos gerais, a TdM consiste num processo de mudança planeada, baseada nos problemas ou necessidades, que implica:

- A identificação de uma situação enquanto problemática, ou a necessitar de mudança;
- A identificação de causas para essa situação (imediatas ou secundárias), sobre as quais se pode/deve agir de modo a provocar mudança; mas também
- A identificação de técnicas, práticas e metodologias que visam facilitar essa mudança.

A Teoria da Mudança permite refletir teoricamente sobre alguns mecanismos que podem contribuir para a eficácia do projeto.

## Modelo de avaliação

Um modelo global de avaliação das Academias de Conhecimento deve contemplar a verificação dos resultados do programa e a análise e descrição da forma como cada uma delas é executada, i.e., o seu processo de implementação.

No processo de avaliação e monitorização é importante garantir que a avaliação é pensada com base num conhecimento bem alicerçado sobre a intervenção em causa, por forma a seleccionar a abordagem que mais eficazmente permite dar resposta aos objetivos definidos e à medida do contexto.

A avaliação pode ser quantitativa, qualitativa e/ou mista. A opção por um dos tipos de avaliação, ou por ambos, está dependente dos objetivos estabelecidos previamente.

- A metodologia de avaliação quantitativa visa recolher dados mensuráveis, com um número significativo de sujeitos, que facultem informação mais específicas (focada por exemplo num dado objetivo) e que permitam estabelecer, estatisticamente, associações entre variáveis ou relações de causalidade entre estas.
- A metodologia de avaliação qualitativa visa aceder a uma compreensão aprofundada e mais holística sobre o processo de intervenção, procurando captar perceções, motivações, e/ou sentimentos dos atores e agentes envolvidos: não se pretende generalizar a informação obtida para outros contextos.
- A metodologia mista engloba o recurso a ambas as metodologias descritas anteriormente, conseguindo-se uma triangulação inter-métodos, o que permite um conhecimento mais alargado, tendo em conta que se procura combinar o potencial de cada metodologia (quantitativa e qualitativa).

Em termos globais, um plano de avaliação deverá contemplar diferentes tipos de avaliação que se situam em diferentes momentos do tempo de um projeto:

- A avaliação diagnóstica (ex-ante) é prévia à intervenção e procura facultar elementos que visem avaliar a viabilidade, a relevância e o rigor da conceção de um projeto de intervenção. Consiste, muitas vezes, na baseline que permite a comparação com os resultados obtidos com a intervenção.
- A avaliação de acompanhamento ou de processo (ongoing), através da qual se procura melhorar a eficiência, eficácia e a adesão dos agentes. Esta avaliação será formativa se é feita sobretudo para benefício dos que gerem o projeto, permitindo conhecer como estão a ser implementadas as intervenções e, se necessário, introduzindo correções na estratégia e/ou metodologia.
- A avaliação de impacto (avaliação final ou ex-post): Um plano de avaliação procura, também, garantir que seja feita uma apreciação global dos efeitos de uma dada intervenção. Este tipo de avaliação é considerado sumativa por se encontrar orientada para o julgamento do programa, i.e., focaliza-se no mérito ou valor do programa através de uma abordagem que envolve a definição de critérios e standards para determinar o impacto do programa nos clientes, na comunidade, custo-eficiência e responsabilidade.

### **Constituição de grupo de controlo/comparação**

Um bom plano de monitorização e avaliação inclui cerca de 100 participantes na intervenção. Amostras de tamanho inferior a 100 poderão não permitir detetar o impacto da academia (ou detetar efeitos da Academia difíceis de explicar) por causa do reduzido poder estatístico que advém do pequeno tamanho da amostra.

O grupo de intervenção de 100 participantes pode ser atingido ao longo de vários ciclos (e.g. no caso de Academias que recrutam participantes ao longo de vários anos);

O grupo de controlo/comparação poderá ter um tamanho mais reduzido (i.e. um terço do tamanho do grupo de intervenção), mantendo-se o critério essencial que ambos os grupos devam ser equivalentes em expectativas (i.e. iguais nas variáveis observadas e não-observadas).

### **Pré-teste e instrumentos de medição**

No processo de avaliação de impacto das Academias que propõem Metodologias de Experimentais é importante:

- Escolher instrumentos que se adequem aos objetivos e resultados a atingir, bem como à população-alvo.
- Optar por instrumentos que tenham sido estudados ou validados para a população portuguesa.
- Planear uma avaliação com instrumentos de autorrelato – tendo em conta o seu potencial para aceder diretamente às perceções dos atores – e de hétero-relato – que permitem cruzar informação proveniente de diferentes fontes.
- Em alguns casos, sendo as escalas multidimensionais, poderá optar-se por recorrer apenas a uma das dimensões/fatores da escala. Essa análise deverá ser analisada e ajustada a cada Academia.
- Fazer uma escolha parcimoniosa dos instrumentos a escolher tendo em conta o tempo de aplicação necessário para o efeito, devendo este ser ajustado às características da população-alvo.